

CENSURA
PENSADO PELO

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conde de Almeida, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranense

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Interesses Municipais

Ainda a luz eléctrica

Ainda a luz e a energia eléctricas para as freguesias do concelho: Reconhecida a necessidade do seu fornecimento a certos núcleos industriais importantes e outros centros de população densa, como os já por nós apontados e todos os mais (que alguns nos escaparam) em circunstâncias idênticas, e posto o problema da electrificação de toda a freguesia, em que tais centros e núcleos se encontram, e das freguesias intermédias, por modo a levá-la até onde o mais longe possível — e como resolvê-lo financeiramente? Com êste segundo problema, que baratamente se dá por insolúvel, pretendem arrumar o primeiro como estulta fantasia, sem possibilidade de realização prática. E' assim que, entre nós, andam as coisas há muito tempo, e por isso mesmo andam mal, ou, e melhor: não andam nem desandam. Mas nós encaramos o caso sob outros aspectos. E reflectimos assim: 1.º — a Câmara resolveu municipalizar, ao que dizem os jornais, os serviços da luz eléctrica; 2.º — com essa deliberação contraíu a Câmara o dever de organizar êsses serviços por modo que êles satisficam o melhor possível ao interesse geral; 3.º — neste interesse geral, está não só uma boa iluminação da cidade, hoje fraca e pês-simamente iluminada, como a iluminação e o fornecimento de energia eléctrica aos meios do concelho dela carecidos, que são muitos e dispersos. Como, para a consecução d'êste objectivo, se carece de verba orçamental, evidentemente que temos de a criar. Mas desde logo ella nos aparece criada pelos rendimentos do próprio serviço — e (pois a Câmara não toma à sua conta a luz eléctrica para fazer negócio, mas para servir o município) já temos assim, no saldo a haver d'êsses rendimentos (satisfeitas as despesas) a primeira base garantida e sólida de novos melhoramentos. Dado, porém, o largo alcance e a largueza que circunstâncias muito especiais impõem, aquele sobreceleste não chega. Mas chega, se o destinarmos ao pagamento dos juros do empréstimo que se contraia para êsse efeito, empréstimo que, aliás, nos parece inevitável, desde que a Câmara verdadeiramente queira fazer a municipalização. Montada a rede, a solução do empréstimo viria

dos novos lucros assim obtidos, pois, forçosa e necessariamente apareciam novos consumidores — ao que se acresceria, sendo necessário, o produto da finta especial, para êsse efeito lançada às freguesias contempladas, muitas das quais estão pagando outras, e por vezes bem pesadas, para serviços que nada lhe interessam. Foi nesta ordem de ideias que nós aqui pugnamos, quando pela primeira vez nos referimos a êste caso importante da administração municipal, o entendimento prévio da Câmara com as Juntas de Freguesia, previsto nas novas bases do novo Código Administrativo. Por seu lado — e para que desde já digamos tudo —, as Juntas de Freguesia deviam promover a formação de Associações Rurais ou Agrícolas que, além do muito entre nós a fazer, teriam como objectivo, pelo concurso todos a favor de todos e de cada um, o aproveitamento da luz para a iluminação pública e particular, e o aproveitamento da energia para usos industriais e agrícolas da freguesia ou das freguesias associadas.

Assinar o "Noticias de Guimarães", é dever dos vimaranenses.

COM A DEVIDA VÉNIA...

O último número, ora publicado, da Revista de Guimarães (vol. 46, n.ºs 1-2, Janeiro-Junho de 1936) insere, entre brilhante colaboração, um estudo muito interessante — *Um friso de vimaranenses ilustres* — do presado e distinto vimaranense Sr. Francisco Martins. Investigação cuidada e documentação escrupulosa; trabalho completo, minucioso, limpo; depois, enternecimento e carinho, muita alma a vibrar de entusiasmo fervente — assim a biografia cronológica dos nossos Navarros de Andrade, eminentes nas letras, nas Armas e na Diplomacia. Tirou o Autor uma separata, que honra a nossa Tip. Minerva Vimaranense. Francisco Martins conserva pura, intemerata e ágil a mesma frescura moça da sua bela paixão baírrista. Utilíssimos préstimos o impõem à consideração e simpatia de Guimarães — e êles assinalam um alto e fecundo esforço, que muito o releva da morrinhenta apatia do nosso definhamento.

A primeira visita oficial da Associação de Classe dos Empregados de Comércio do Porto; o impulso dado à nossa bem querida Associação dos Empregados de Comércio de Guimarães como os notáveis beneficiários, sobretudo o da instalação na sua actual sede, da Associação Comercial e Industrial de Guimarães; a sua verdadeira devoção pela Sociedade Martins Sarmento; a notabilíssima e memorável Exposição Concelhita de 1923 e a publicação d'êsse monumento, que é *O Labor da Grei*; a sua activa diligência, a sua definitiva energia, imprescindível, para o monumento a João Franco — são vivas realizações do mais vivo amor à terra, são a própria vida de um homem de sentimento, de inteligência e de vontade. E como êste amor não arrefece, nem arrefecerá jámais enquanto seu coração bater, êle agora se dedica a resurgir do passado as grandes figuras, já um pouco esquecidas, da sua Guimarães. Ainda bem!

*Chamo plutocracia o estado da sociedade em que a riqueza é o nervo principal das coisas, nada se pode fazer sem ser rico, a principal ambição é ser-se rico, a capacidade e a

moralidade se avaliam geralmente (e com maior ou menor exactidão) pela fortuna, de modo que o melhor critério para demarcar a elite é o imposto. Não me constatarão que a sociedade actual refina êstes caracteres. Isto posto, sustento que todos os vícios do nosso desenvolvimento intelectual provêm da plutocracia... Com efeito, assente ser a fortuna o principal fim da vida humana, ou pelo menos a condição necessária de todas as outras ambições, vejamos que direcção pode tomar a nossa inteligência. Ser sábio, prudente, filósofo? De forma alguma: são antes obstáculos. Quem consagrar sua vida à ciência pode ter por certo que morrerá na miséria, se não tiver património, ou se não utilizar a sua ciência, isto é se não encontrar com que viver fora da ciência pura. Quando um homem vive do seu trabalho intelectual, não é, geralmente, a verdadeira ciência que lhe vale, mas vale-se doutas qualidades inferiores. Vico ganhava a vida a compor versos e prosa de detestável retórica para senhores e príncipes e não encontrava editor para a *Ciência Nova*. Noutra ordem de ideias, a plutocracia é a origem de todos os nossos males, pelos maus sentimentos que determina naqueles que tiveram a sorte do nascimento pobre. Estes, vendo que nada são porque nada possuem, dirigem toda a sua actividade a êsse fim único; e, como para muitos, é lento, difícil ou impossível, nascem os sentimentos abomináveis: inveja, ódio do rico, desejo de o espoliar. O remédio não está em que o pobre seja rico, nem em excitá-lo o apetite, mas em que seja a riqueza secundária e insignificante, que se possa, sem ella, ser feliz e grãnie, no-bre, forte ou belo, se possa ter influência e ser considerado pelo Estado. O remédio não está em excitar um desejo, que nem todos podem satisfazer, mas em destruí-lo ou mudá-lo, porque não interessa à essência da natureza humana, antes lhe entra-va o seu belo desenvolvimento.*

(Renan).

E' muito difícil, com efeito, a arte de ser rico — já o notou, com elevação de pensamento e fina ironia, o grande escritor e mestre Agostinho de Campos. Mas há raras pessoas felizmente bem dotadas dessa arte difícil e é essa com certeza a sua verdadeira e maior riqueza. A' nossa vizinha Póvoa de Lanhoso coube a sorte de ter um homem assim. A alta e humana benemerência de um seu filho, a quem o trabalho enriqueceu, deu-lhe um excelente hospital com alguns meios, em todo o caso suficientes para tratamento de doentes, o que, sem dúvida, piedosa obra de misericórdia. Agora, lemos no último n.º do nosso prezado colega Maria da Fonte que o benemérito António Ferreira Lopes deixou ainda à Câmara Municipal da Póvoa de Lanhoso um legado para ser construído um prédio, onde possam funcionar conjuntamente as escolas primárias dos dois sexos, e outro para a demolição do Tribunal e construção de um outro edificio mais decente que o substitua, em lugar mais apropriado e onde possa aformosear a Vila. Previdente, o testador fixa o praso para cumprimento dos legados. Eis um dinheiro bem ganho e um homem rico que converte a sua riqueza em beneficio social.

* A felicidade é uma sombra que foge, levantando uma poeira que cega. (Karre).

* A solidão é para o espirito o que a dieta é para o corpo. (Vauvenargues).

* Fêz segunda-feira passada 59 anos que faleceu, em Vale de Lobos, Alexandre Herculano (14 — Setembro — 1871), com 67 anos de idade, deixando como obras principais *História de Portugal, História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal, Eurico, Monge de Cister, O Bobo, Lendas e Narrativas, Harpa do Crente, Opúsculos*, etc. No volume das *Farpas* dêsse mês, escrevia Ramalho Ortigão: «Como filósofo, como investigador, como crítico, como poeta, Alexandre Herculano cria em Portugal os estudos históricos; funda a mais importante colecção dos modernos trabalhos literários — o *Panorama*; enobrecer a língua com um estilo nitido e cortante em que a frase tem o lampejo e o golpe dos passes de espada; honra o officio das letras com o porte rígido, austero e elegante da sua figura literária, em que se denuncia o contórno do guerrilheiro portuense envólto no capote branco dos românticos de 1830, que êle sabia traçar com o garbo marcial de Alfredo de Vigny; cria escola; e agrupa em volta de si uma mocidade que o admira e o idolatra;... lança final-

mente as bases do moderno movimento intelectual, sugere e novas ideias, novas aspirações, novos interesses morais, impulsionando vigorosamente a sua época por meio das fecundas agitações do espirito que aceleram nas sociedades vivas a elaboração do progresso.»

Farpas

Abertura

Como houve já quem nos reconhecesse qualidades *taurómicas* não nos parece fora de propósito o título desta secção. Motivos estranhos à nossa vontade não nos permitiram agradecer essa descoberta *taurómica*. Depois os amanhos das courelas, a labuta nos campos, as sulfatações, as mil e uma preocupações de lavrador modesto que procura ter a sua vida em dia e as contribuições sem relaxe ou juros de mora, obrigaram-nos ao silêncio em que temos estado.

Agora, enquanto as uvas amadurecem e os manguais vão cantando, na eira, os seus *tron-tron; tron-tron* rimados, ao som dos quais o grão se liberta da espiga loira ou o feijão rompe da vagem ressequida, vamos preparando estas inofensivas *Farpas*, na boa companhia do velho Ramalho, nosso companheiro dilecto aos serões da lareira, nas noites longas e frigidíssimas de todos os invernos.

A peregrinação à Penha! Há já alguns domingos que o Senhor Abade, à missa do dia, falava nessa peregrinação de Fé e incitava êstes parouquianos de São João das Caldas a que não faltassem no dia 13 de Setembro a levarem o seu tributo de cristãos à Virgem Nossa Senhora da Penha. Há já alguns anos que eu não assistia à peregrinação. Este ano, porém, não faltei. E como me senti contente, feliz, satisfeito, remoçoado, ao contemplar êsse grandioso e comovente espectáculo! Milhares e milhares de pessoas que cantam, que vibram de entusiasmo santo e comunicativo, que alenta as almas, as acarinha e conforta.

A Fé! Foi assim, com essa Fé, que os nossos antepassados venceram e mantiveram a independência d'êste torrão sagrado.

Foi assim, com essa Fé, que os nossos navegadores de Quinhentos demandaram novos mundos, trazendo para Deus novas almas.

Foi assim, com essa Fé, que sempre nos engrandecemos e nos tornamos respeitados. E' ainda agora, com essa Fé, que nós podemos encerrar, cheios de esperança, a hora negra de desdita que avassalou um país irmão, nosso companheiro nas glórias do passado.

Bendita seja, hoje e sempre, essa grande, essa inextinguível Fé!

São João das Caldas, Setembro 15, de 1936.

X. X.

António José Pereira de Lima

Deixou definitivamente o cargo de Administrador do Concelho, na quinta-feira última, o prestante cidadão e conceituado industrial, Ex.º Sr. António José Pereira de Lima.

Esquecer a sua meritória acção como primeira autoridade da nossa Terra, relegar ao ólvio o zelo e carinho postos no desempenho do seu cargo, ou deixar sair da memória a disposição orgânica e sentimental que o elevou à categoria de um dos maiores benfeitores da pobreza, na verdade traduzir-se-ia numa clarividente iniquidade não só porque soube ser magnânimo de coração mas também por ter cultivado com esmero e requintada imparcialidade a virtude de dar a cada um o que estava conforme o direito que lhe assistia.

Honestidade, justiça e probidade, — eis no que se resumiu a sua acção administrativa, e também o melhor titulo de nobreza proclamado e defendido pela nossa intelligencia! E porque sabemos fazer jus-

JESUS

«Deixai-os vir a mim os anjos pequeninos! Deixai-as vir a mim as loiras criancinhas!» E acconchegava a si meninas e meninos, Com seus lábios de amor beijava-lhe as carinhãs!

As bênçãos que espalhava engrandeciam hinos, Saíam-lhe da boca as orações purinhas, Que aos homens da ruindade, aos próprios assassinos, Transformava seu ódio em graças manselinhas!

Há dois mil anos quási! E nunca mais nasceu Na terra ou veio à terra em mística do céu Homem igual a Ele em génio e formosura!

De joelhos lhe reso e vejo-o em sua cruz Tam meigo e piedoso, o lívido Jesus, Que não sei se haverá no mundo igual ternura!

AGOSTO de 1936.

DELFIM DE GUIMARÃIS.

tiça, inteira justiça, colocados a ossatura à vista de um pouco de cal?

Guarda do Castelo

Segundo despacho do «Diário do Governo» foi nomeado «guarda» do Castelo o prof. primário, sr. Hugo de Almeida, director do semanário local «O Berço da Grei» de cujos dotes de intelligência a ninguém será lícito duvidar e bem assim dos seus vastos conhecimentos de arqueologia, que os tem e em magna *quantitate*.

O Ex.º Sr. António José Pereira de Lima conseguiu aliar ao seu coração de Homem de Bem a efectividade de sentimentos nobres que manam em abundância dos corações de todos os vimaranenses que o admiram e prezam.

Lembrança

Ao aspecto luminoso da Avenida 31 de Janeiro, que durante estas noites cálidas animava de-veras a artéria que corre ao longo da velha Muralha, hemos de confessar que a frouxidão se acentua cada vez mais, visto que alguns dos candeeiros nem já fornecem luz, negligência só aceitável em aldeia sertaneja.

Aqui se regista esta pequena lembrança para interesse de quem possa providenciar.

Como remediar?

Todo aquele que deseje alargar a «volta dos tristes» e percorrer os bairros mais afastados do centro da cidade, ao deixar a ponte de Santa Luzia para tomar a Rua Francisco Agra, depara com um pardieiro que lhe fica à esquerda, em verdadeiro estado de desmoronamento e ruína, esburacado, deixando entrever o viver de pocilga e obrigando-nos a um manifesto apêlo em favor dos inquilinos que tomaram o pardieiro de arrendamento, levados por um sentimento de defesa da vida do nosso semelhante.

Chegado que seja o inverno, como conceber o viver dentro daquelas paredes meias, sem resguardo para o frio que gele e, outrossim, sem o amparo necessário para a chuva que inunde os aposentos dos seres humanos que encontraram abrigo em cortelho tão reles?! Não haverá processo de revestir (pelo menos revestir)

Gazetilha

Eu fiquei embaçado, digo-o com sinceridade, mas mesmo muito banzado, por certo caso passado dentro da nossa cidade.

Há tempos, não sei que dia, percebi alterações quando pacato descia de vagar, pública via, que é a rua de Camões.

Mesmo à porta da latrina que é das senhoras usar, vi a maneira ferina como a guarda da sentina trata alguém que quer entrar.

Uma pobre desgraçada que sente a necessidade de a humanidade inda é dada, topa a passagem vedada com toda a ferocidade.

Choraminga, lacrimeja, pede muito e com acerto, pede tanto que se seja, o pedir de quem deseja livrar-se de tal aperto.

Vai então, que é que ouvi? Ouvi dizer, com bem mágoa, que podia entrar ali se só quizesse xixi, «Para mais... não, falta água».

Deus me perdoe se peço, se não vi a pobre tipa ir acima, ao «Parameco», pedir-lhe, mesmo um caneco, para despejar a tripa.

Na sua cõr de omelette sinto a mulher mágica, seu estribillo repete: «Para que serve a retire? «se não se pode c...»?»

Camara Dão.

Francisco Pinto Rodrigues

Advogado

R. Gravador Molarinho — Guimarães

TELEFONE 172

Notas tripeiras

Não sabemos se os vimaranenses sabem esta consoladora notícia: a Banda do Pevidém é uma grande banda de música. Mostrou bem, no último domingo, no velho Jardim da Cordoaria, aonde veio abrilhantar a kermesse da Cruz Vermelha, executando primorosamente um soberbo programa. Os críticos — autênticos críticos da divina arte de Wagner e Mozart, podemos garanti-lo — disseram ser a Banda do Pevidém uma das primeiras da Província.

Por isso foi muito aplaudida, principalmente no final da *Gioconda* e da fantasia *Sinos na romaria*, da autoria do seu habilíssimo regente, o nosso amigo Arnaldo Ferreira do Vale. Este número de música agradável imenso, recebendo uma estrondosa salva de palmas de toda a assistência.

E, pois, mais um triunfo para a boa gente do Pevidém — onde temos bons amigos — e, também, para Guimarães por contar no seu concelho tão formoso conjunto artístico.

Consta-nos que brevemente virá até ao Pôrto para tomar parte em idêntica festa.

Ao velho e bom amigo, o prezado assinador do «Notícias de Guimarães», sr. Albano M. Coelho Lima e Arnaldo do Val os nossos parabéns pelo triúfno obtido.

O Pôrto como os seus arredores deram um grande contingente de visitantes que, no dia 13 do corrente, foram até Guimarães a assistir à grandiosa peregrinação à Penha, regressando encantados com o passeio que gozaram. E' que a Penha é a maravilha das maravilhas, cujas belezas panorâmicas são o assombro daqueles que têm a ventura de subir a sua formosa montanha. Pelo que ouvimos e lemos nos jornais, a manifestação de fé religiosa esteve à altura dos justos créditos da gente da velha cidade, a ela se associando o Concelho com os seus estandartes e outras terras visinhas.

A notícia da morte da interessante Maria Celina magou o nosso coração. Como devem sofrer aqueles que, noite e dia, a rodeavam de mimos e carinho, principalmente o grande coração da Avózinha, que tem sido pequeno demais para suportar as maiores dores deste mundo de misérias e de sofrimentos humanos!

Pobre Maria Celina! Como te recordamos com pungente saudade... Os nossos olhos parecem ver o teu corpinho esguio, entre flores de lágrimas e lumes tristes a iluminar o pequeno esquife, tornando-te mais formosa ainda na eterna palidez da morte!

Que os lírios e as flores da saúde de sejam como bênçãos de preces divinas a caírem sobre a terra que te guarda no seu seio de mãe...

Para os que te viram partir e que deixaste mergulhados no pranto eterno, vão os sentimentos profundos da nossa alma, acompanhando-os na grande dor bendita que, como um soluço abafado, nos faz sofrer, recordando-te eternamente, tu que foste mártir inocente, picada de dores, vítima imolada aos pecados dos homens...

Descança em paz, Maria Celina!
Porto-1936.

Domingos Ribeiro.

ITINERARIOS

I V

3) Era o Tio S. Pedro, quando moço, já carpinteiro mas não ainda careca, pessoa ancha e atalegada, bem parente, o olhar lúzio e farisco, armando-se de prosápio em meneios e crista riça de garnisé, com todo aquele seu ar de bom-serás, rosto lavado, e dextra e sinistra amarradas de feição ao trabalho. Ti Bárbara, gosando votada fama de senhoril pelo garbo do seu corpo e altas prendas de boa lavadeira, fácil domadora, ainda quando namora e para se deixar requestar, os brios cílios do espivette, e tinha, ao depois dos laços, cega confiança na lealdade do seu homem, como definitivamente idos os verdes juvenis. A vida é coisa muito séria — tem de agüentar-se com seriedade, e é dessa mesma seriedade que lhe vem a força, a paz e a alegria. — Agora, servida em minha frente a tijela do caldo, roguei-lhe, como sempre de costume — e, senão, nem migalha — se viesse sentar, comigo à merenda, que melhor nos saberia a história de conduto. Mas ela pôs à mesa o seu e outro talher: — «Vá andando, que bem precisa, enquanto espero mais alguém de companhia.» É vamos ao conto: — «Como já lhe tenho dito, mas se o quero ouvir — sem seu proveito, menino marotinho! — mais uma vez, eu soube logo, por uma destas boas almas recadeiras com a devoção de levar e trazer novidades, que o gaiteiro do meu homiesinho, então com obras do ofício para as bandas de Arões, andava a quedar-se todo lamboso com certa mulher errada, sem nada mais a perder pela fama, e os tinham visto aos dois, ao escurecer desse mesmo dia de S. Bartolomeu — e que milagre, se andava o Diabo à solta! —, a escurem-se para o mais sombra e escuro dos barrocais. Ainda êle não tinha chegado à ceia; e quando veio, matei-lhe a tração, logo, pelo cheiro da cadeia, o quebrado satisfeito do cor-

po, a maganice do olhar — mas nem xus nem bus, calei-me muito alosa. — «Então não vens comer?», estranhou, como me não sentasse à mesa. — «Não posso comer. Tenho flato...» Depois, quando se deitou — «Então, não te deitas?» — «Não posso dormir. Quero dar a meada do linho ananã, dohada.» De madrugada, ao ver-me arranjar para saír — «Tu onde vais, mulher, a estas horas?» — «Vou-me confessar. Trago cá dentro um pecado muito feio que anda a remoer-me.» — «Que pecado?» — «Vou confessá-lo ao senhor Abade.» Para não mentir de todo, ouvi missa e fui vender um cesto de maçãs. Ainda à noite desse outro dia seguinte, êle voltou com o mesmo cariz fraleiro. O corpo mouro daquela perdida, não havia que ver, enroscara-se-lhe como de serpente! E voltou a ladainha: — «Então, hoje, também não ceias?» — «Já lambisquei alguma coisa.» Pela noite — «Com mil bombas, vens-te ou não te vens deitar?» — «Bem queria, mas não posso. É o melhor que to diga já: Olha — o nosso Abade, à conta do meu confissão, deu-me de penitência não me deitar sete noites a fio.» — «Grande pecado, para tamanha penitência!» — «Ele achou-o ainda maior.» — «Mas então, com mil bombas, que diaho é?» — «Isso não digo.» — «Vou preguntá-lo ao Abade.» — «Estás tolo, Pedro, um segredo de confissão!» — «Qual segredo! Entre homem e mulher não há segredos. Para isso se receberam à face da igreja.» — «Entre homem e mulher está certo, mas entre mulher e homem é que não está.» Virou-se para a parede, muito embebezado. Logo que o sono estremunhou, eu a saír — «Vou à igreja», e fui, mas levei outro cesto de fruta para ir vender. Ora naquele outra noite, mal o vi assomar à porta, acudi com a candeia a fazer-me de muito afligida — «Tu que tens Pedro? Tu como vens, ó meu rico homem? Tu? Começou logo a atarantar-se: — «Ora essa, não tenho nada; tu não vez que não tenho nada!» — «Tens, meu homem, tens! Ai esses olhos cõr de verdete e de sangue! E manchas na cara, ora vê aqui, ali, escuras e chupadas como das sanguesugas! Tu vens a arder em febre, meu Pedro...» E caíste pelo caminho. Caíste — aqui estão estas manchas nas calças. E que cheiro, meu Deus, que cheiro tu deitas a pôdre! Já nem sabia onde se havia de meter. E eu toda cuidados à volta dêle. — «Sentate aqui, meu Pedro — e ajudava-o a sentar, sentando-o à força — toma esta agüinha de caldo. Vens tão enfadado! Não, alguma te aconteceu. Amanhã mata-se a pedrés.» Meti-o na cama; por aquela noite estiosa, carreguei-o de cobertores — «Toma cuidadoinho, pode advir-te uma esquinência...» Êle suava, virá para um lado e virá para o outro, como S. Lourenço na grelha. E quando já estava a pegar no sono, vou eu e abano-o de repente e de sacão a dizer-lhe em voz alterada — «O Pedro, Pedro, tu deliras! Tu estavas a delirar, meu Pedro...» E o que tu estavas a dizer, Santo Deus! Estavas como a falar com alguém — com quem estavas tu a faiar assim, ó meu rico Pedrinho! Êle então sentou-se de estrebuxo na cama, os olhos muito arregalados — «Eu, eu... a falar?» — «Desatete em prantos e brados — «O misericoórdio do Pai do céu que o meu homem está tam mal! Valei-me, Virgem Santíssima, que o meu homem morrel!» Acudiram vizinhos, foi um levante — e ninguém deu pela comédia, porque o meu homem começava a sentir-se mal de-veras. Pela madrugada, deixei-o acalmar. Mas creio que êle, muito calado a ruminar, não pregou olho; eu sentei-me ali no escabelo, a chorar, sózinha, e essas lágrimas que chorei, não eram a fingir. Cá na aldeia não é como lá nas cidades — se a casa não é a nossa casa, a vida vai-nos a perdida. Já luzia o sol há um bom pedaço, quando êle disse, da cama, muito brando — «O Bárbara, olha bem. E se queres que te diga, mulher, não torno a Arões.» E não tornou, nem houve nunca mais que se lhe dissesse: mas eu não me deitei as sete noites. De vez em quando ainda me pergunta, a médo — «O Bárbara, e o teu pecado?» Sorria-me e dizia-lhe baixinho — «Não te deites a pronosticar. Um dia, depois, eu te conto...»

Eduardo d'Almeida.

Errata (ao n.º anterior, 241). 3.ª linha — amaciando-lhe a face: emaciando-lhe a face; 39.ª linha — do cheiro moço: do cheiro moço do pinho; linha 76 — mais com penas e descreditos é mais com famas e descreditos.

E. A.

Críticas Pequenas

Quando a gente recolhe à velha Casa Jácome a saber das horas precisas que o Rádio nos oferece, facilmente vê o Sr. Francisco Martins no seu garbo singelo e entregue por vezes às suas cogitações de estudiosos incorrigível.

Pensava a gente que depois daquele formoso *Labor da Orei* que corou a nossa Grande Exposição, as energias do Investigador se houvessem esgotado.

Puro engano! O derradeiro fascículo da nossa *Revista* inclue **Um friso de Vima-**

panenses Ilustres de que o Bairrista fez uma linda separata que honra altamente a *Minerva Vimaranesse*.

Uma boa dúzia de retratos dos **Navarros de Andrade** ilustra o precioso volume.

A interessante documentação e o ressurgir elegante desses altos espíritos é feita com o carinho e a probidade que são apanágio do Autor.

Caso é para felicitar o Estudioso no seu feliz pensamento e a Tipografia no mimo do seu labor.

* * *

Anunciou se recentemente um livro com um dízimo da venda a favor da nossa *Casa dos Pobres*. Ideia simpática.

Em 9 do corrente terminou a sua impressão.

Capa tão feia! Tão negra! Mas a Caridade aliviou-lhe o negrume.

Umhas oitenta páginas a encher uns dez capítulos.

Ingenuidade aqui.

Estudo ali.

Poesia além.

Defeitos algures.

Penha de Amor e de Saúdade se chama o volumezinho.

João C. Vasconcelos não quis Apresentante. *Quis subir sozinho esta montanha da Vida*. Não o louvamos por isso. Nem por isso o condenamos. Mas... há sempre um Amigo que corrige defeitos. Esse Amigo não foi procurado. E foi pena.

6.

A' Junta Autónoma das Estradas

Tendo chegado ao nosso conhecimento que acima da barreira da Rua da Liberdade, no tróço da estrada nacional que sobe até à passagem de nível do Castanheiro, se vem aproveitando o lixo para poeirar a continuação daquela rua, com a agravante de nele vir à mistura pedaços de vidros, pregos e tachas, fazemo-nos ecos dos protestos levantados pelos transeuntes e automobilistas que utilizam aquela artéria como serventia, chamando a atenção da Junta Autónoma das Estradas para aquele serviço pouco recomendável e nada compreensível.

Posse da nova Autoridade Administrativa e homenagem ao sr. António J. P. de Lima

Tomou posse, na quinta-feira à noite, do lugar de Administrador do Concelho, o distinto oficial do Exército sr. Tenente Artur da Silva Lameiras, que a esta cidade foi acompanhado por alguns seus camaradas e pelos srs. Governador Civil do Distrito, Comandante da P. S. P. de Braga e Dr. Abranches, Director da P. I. C. da mesma cidade e ainda por outras entidades, tendo sido recebido no edificio da Câmara Municipal por algumas centenas de pessoas, entre as quais se viam, em elevado numero, as pessoas de representação da nossa terra.

A sessão de posse presidiu o sr. Governador Civil, Capitão Luciano Preza, que tinha aos seus lados os srs. presidente da Câmara, Tenente Artur Lameiras, novo administrador; António José Pereira de Lima, ex-administrador; Francisco Pereira Mendes e Dr. Abranches, representantes, respectivamente, das Comissões Conciliat e distrital da U. N. e outras entidades.

Depois de lido o auto de posse, pelo zeloso chefe da secretaria da Secção Administrativa sr. José Fernandes Ribeiro Gomes, usaram da palavra os srs. presidente da C. A. da Câmara que se referiu ao alto significado daquele acto que estava revestindo um aspecto inédito entre nós e disse que o sr. António Lima entregou o cargo satisfeito e sereno, porque o desempenho com honra, dignidade e justiça e porque em boas mãos entrega as suas funções; Francisco Pereira Mendes que em nome da Comissão Conciliat da U. N. apresenta cumprimentos ao sr. António Lima e à nova autoridade e faz um apêlo para que todos procurem seguir o nobre exemplo do ex-administrador; Dr. Abranches que, em nome da Comissão Distrital da U. N. diz ser um dever nacionalista e de gratidão antes de cumprimentar o novo administrador saudar aquêle que deixou o mesmo cargo e que se

revelou, indiscutivelmente uma alta autoridade, saindo melhor do que entrou, e diz que o Concelho de Guimarães fica bem servido com o sr. Tenente Lameiras que é um belo character. Tece louvores ao illustre Chefe do Distrito e termina erguendo um viva a Portugal que é entusiasticamente correspondido; Capitão Luciano Preza que diz algumas palavras de apresentação da nova autoridade de quem traça o perfil moral, refere-se a Guimarães nos termos mais gentis e elegantes, mostrando a sua admiração por esta terra e fala do sr. António Lima a quem dirige palavras de justiça. Apela para a união de todos os portugueses e termina erguendo vivas a Portugal e ao Estado Novo.

Em seguida o sr. Tenente Lameiras diz que o momento é solene e grave para a sua pessoa. As suas primeiras palavras são de saúdação e respeito para as autoridades e povo de Guimarães. Vai pôr ao serviço da terra toda a sua vontade e inteligência. Lamenta a ausência do sr. António Lima, pessoa indicada para orientar os seus primeiros passos. Da obra do seu antecessor fará o seu brevíario. Procurará bem servir para que possa retirar-se com a consciência do dever cumprido.

Agradece a presença de todos e as palavras amigas que lhe foram dirigidas.

Levanta-se, finalmente, o sr. António José Pereira de Lima que, como os oradores antecedentes, é recebido com uma salva de palmas e vivas, enquanto que a Banda dos B. Voluntários toca, no átrio do edificio, o *Hino da Cidade*. Consultando a sua consciência, ela diz-lhe que nada fez que mereça palavras tão amigas (não apoiados). Teve muitas arrelias mas teve, também, momentos de satisfação. Refere-se ao bom auxilio que sempre encontrou da parte do funcionalismo da secção administrativa, bem como à boa colaboração não só do sr. Governador Civil mas também do Comando da Policia, das Comissões da U. N. e da Câmara etc., terminando num agradecimento, a todos, profundamente comovido.

A sessão terminou com calorosos vivas ao Estado Novo, a Portugal, etc., etc.

Todos os oradores se referiram à hora que passa apelando para a união de todos os portugueses.

Foi resolvido mandar telegramas de saúdação aos srs. Presidente da República e do Conselho, Ministro do Interior, Comissão Central da U. N., etc.

Os srs. António José Pereira de Lima e Tenente Lameiras foram, no final, muito cumprimentados.

O «Notícias de Guimarães» apresenta os seus cumprimentos ao sr. António J. P. de Lima e mui respectivamente saúda a nova autoridade, fazendo os melhores votos pelo bom êxito da sua espinhosa missão.

Crónica do Pôrto

«MATARAN MI NOBIO» I

A beira-mar é sempre o lenitivo para o calor que nos escalda na cidade — e eu fui um dos que, num domingo último, procurei na praia um pouco de suavidade que se tornasse o refúgio da fôrnia insuportável da cidade.

Não sei quanto tempo deambulei por entre a multidão que se saciava junto ao mar, até que, amessei me num bar da explanada que segue junto à costa, onde sorvi com apetite um gelado animador e reconfortante para a minha garganta sequiosa.

Perto de mim, sentada entre um velho e uma senhora que os cabelos brancos denunciavam uma idade avançada, a roçar pelos sessenta, e debruçada-se sobre o parapeto da explanada uma mocinha elegante, vestida de preto, aparentemente formosa — e que olhava com sofrimento, com uma sofreduguidade de êxtase, a praia que se estendia em baixo, a seus pés.

De longe a longe, um profundo suspiro parecia quebrar a contempulação em que se enlevava — e voltava de novo a olhar para a praia, depois para o mar, depois para o infinito.

Os pais não trocavam o mais insignificante monossílabo, parecendo preocupados com a prostração da filha. O velho queimava nos lábios uma cigarilha estrangeira, enquanto a senhora litosa sua esposa se distraía a vaguear o olhar pela multidão que passava na avenida.

Tinha decorrido meia hora, quando o vélhote, quasi indiferente, tirono do bolso do casaco um jornal que desdobrou sobre a mesa, fazendo saltar aos meus olhos um título que me bastava para ser o início duma conversa — uma conversa talvez ambicionada, só para saciar o apetite de conhecer a melancolia em que se mergulhara a moça de preto.

HOY — Jornal espanhol que o velho segurava entre os dedos, era uma atracção.

Levantei-me e fui seguindo por entre as mesas ocupadas até ao varandim onde a rapariga se debruçava.

Parecia alheia a tudo o que a rodeava — e nem sequer reparou que eu acabava de me penitenciar junto dos pais pela inoportuna de lhes dirigir a palavra, sem os conhecer.

— Oh, muito prazer! — respondeu-me o velho em espanhol, um espanhol quasi português pelo uso.

Não calcula, mesmo, o imenso prazer que nos dá, em conversar connosco!...

O diálogo foi prosseguindo, no mesmo ritmo, como se a nossa intimidade

Sociedade Norténia, L. da

Praça Carlos Alberto, 110-1.º
Telef. 8414
PORTO
Compra, vende e hipoteca
Propriedades.

Sub-agentes: (155)
Gomes Alves, Matos & C. a
Toural -- GUIMARÃIS -- Telef. 133

CABELOS BRANCOS... SÓ OS TEM QUEM QUER

A LOÇÃO MIN-HOR devolve a cõr primitiva aos cabelos brancos sem pintar.

A LOÇÃO MIN-HOR não é uma tintura, mas sim um excelente tónico do cabelo.

A LOÇÃO MIN-HOR destroi a caspa e os microbios que prejudicam o cabelo e o fazem cair.

A LOÇÃO MIN-HOR dá por si só brilho e vigor ao cabelo, perfumando-o agradavelmente, dispensando por isso o uso de brilhantinas e pomadas.

A LOÇÃO MIN-HOR vende-se em toda a parte a 15 escudos cada frasco.

datasse de largo tempo, até que aproveitei uma oportunidade para entrar no campo da entrevista, preguntando-lhes se eram refugiados do país vizinho.

— Sim. Estamos cá desde que estalou o movimento... Dano-nos bem... A nossa filha é que... sempre triste, sempre pensativa...

— ... Saúdades!... Eu sei bem... interrompi. A nostalgia da pátria... — Oh, não! E' certamente mais do que isso! Ela sofre muito, coitada! Rosita! — chamou êle.

A pequena soltou novo suspiro, mais profundo do que os que vinha expulando até ali — e voltou-se para me cumprimentar, delicadamente.

— Porque está tão triste, Rosita? — perguntei depois, quando o pai terminou a narrativa da sua retirada.

Ela olhou-me, tristemente, com os seus olhos negros, bogaludos, — como se procurasse encontrar em mim a alegria e a satisfação para a tristeza que lhe invadia a alma — e depois de ter tirado um lenço da mala que pousara no regaço, respondeu-me, quasi a romper em pranto, numa voz estrangulada, dolente, meiga: — ... Mas eu não estou triste!... Tenho dó da Espanha, sômente.

E' impossível! O seu olhar deixa autever um maior segredo, uma maior pena, um grande drama que quer ocultar!...

Silenciou-se, fitando o mar, para voltar, depois, a dizer: — Não é segredo — êsse drama que o senhor adivinha através da melancolia que me invade. Conhecem-nos os meus pais, e eu não tenho receio de lho contar, também, embora necessite de muito ânimo e muita coragem para o fazer. Mas — escute... —

E, com os lábios trementes, meia sufocada pela comoção que o seu drama íntimo causava no sentimento puro dos seus vinte e dois anos, começou a historiar uma aventura de amor — a primeira grande aventura de amor da sua vida, a única a quem devia a intensa paixão do seu coração virgem... —

Era já tarde, quando ela, enxugando as lágrimas que brotavam dos seus olhos negros, bogaludos, embaciados pelo choro que acompanhava as palavras da odisseia de amor que ela narrou, com tristeza, com mágoa — ou mágoa do seu coração dilacerado por uma dor enorme, — terminou por dizer, excitada, talvez, pelo sofrimento: — «Depués, oymos en la calle una grand confusión — y mi querido nobio, que acababa de llegar, fué cobardemente asesinado por la horda comunista, l...»

«Yo quisera poder gritar mucho, quisera poder gritar bien alto la herida de mi corazón — pero no tenia fuerza! —

... Habian matado mi nobio!...

Carta da Beira-Mar...

Meu caro Director:

O dia de hoje amanhecera calmo e quente, cheio de beleza e atracção, cantando nas árvores os pássaros, correndo nos rios os peixes. O rio, à hora a que me levantei, estava bastante seco. Homens e mulheres, aproveitando a baixa-mar, colhiam pachorrenicamente ao sabor de alegres canções marítimas, limos e sargaços, que transportam aos campos como adubo. Nas areias finas da praia, onde o Atlântico livremente se espreguiça, viam-se, à semelhança de antenas de postos emissores de T. S. F., altas estacas que servem de ponto de referência aos engenheiros que estudam a sondagem dos célebres Cavalos de Fão, de quem P.ª Chaves Coupou tem sido acérrimo defensor. No estuário do Cávado, barcos de toda a espécie, cruzam uns com os outros ante a admiração dos banhistas, que do lado do paredão, descansam e se preparam para o banho. A avenida marginal, corte modesto mas interessante pela amplitude da paisagem, leva como é de prever, uma enorme quantidade de pessoas, cheias de fé no iodo benéfico do mar. Isto pela manhã. A' tarde, após frugais repastos, a praia é pouco visitada, porque ou passam o tempo em casa devido ao calor, ou com merendolas cuidadas, se abrigam à sombra dos pinheiros, picnizando. A «Primorosa», enche-se totalmente. Uns tomam café, outros fumam o seu cigarro, e todos discutem febrilmente os acontecimentos internacionais. Escusado será dizer, que de muitos, poucos se aproveitam. Falta-lhes a cultura necessária para poderem compreender certas evoluções políticas e mesmo não são favorecidos com grandes argumentos. Servem-se de minudências. Restringem em lugar de generalizar. Mas, *grosso modo*, os políticos do nosso pequenino burgo espozendense, são pessoas por quem podemos ter consideração.

Depois do cavádo, não parece mal e é aconselhável uma visita ao cais, onde o espectáculo é soberbo e cheio de céneas emocionantes. Preparam-se barcos, remos e velas para a pesca. As rêdes, dão imenso trabalho. Necessitam de grandes cuidados para se não deteriorarem, e por isso um dos

Ruy de Luena.

mais hábeis da campanha, é o encarregado dessa missão. O mção, é o bombo da festa. Não lhe desculpam nada e de quando em vez, os mosquetes chovem sem dó nem piedade. Os pescadores, depois do barco apetrechado, e enquanto esperam a vinda de algum retardatário, puxam do seu pré-histórico cachimbo, isqueiro ainda de pedreira e morraca e toca a fumar a toda a força. Manuel João, é sem dúvida um dos mais típicos pescadores da nossa terra. Homem de estatura mais que mediana, olhos negros e vivos, nariz vermelho de tanta pele, de boina galega às três pancadas, Manuel João é o mais zaragateiro quer dentro quer fóra da lancha.

Quázi à hora da partida, chegam os jantares em cestas adequadas, e da garrafa com o belo verdasco, apenas se vê o gargalo... e chega... Os mantimentos, mais ou menos abundantes, mais ou menos aromáticos, entram imediatamente nos acanhados porões. O barco larga o cabo e pelo rio abaixo, desliza tam mansamente sobre a água cristalina, que dá prazer e oferece um trecho maravilhoso a quem o aprecia. Assim vai indo até que se perde nas águas agitadas e salgadas do mar, para se tornar a ver no dia seguinte, encostado novamente aos cais donde partira. O mestre da lancha ergue-se com altivez. Abre solenemente o leilão, e as esportas regateiras insaciáveis nos lucros, compram por todo o preço, para depois irem para Braga e Barcelos... Os particulares, êsses coitados, compram se pode dizer o refugio, quando compram...

Do amigo,

Domingos Gomes.

Margens do Cávado—Espozende—1936.

O solicitador Pimenta

Participa que mudou o seu escritório e residência para o prédio n.º 13 1.º andar, da rua de Santo António, desta cidade.

BOLETIM ELEGANTE

Pic-nic no Monte da Penha

Em cumprimento de um voto feito pela ex.ª sr.ª D. Maria Augusta Sotto Maior e Menezes, distinta Senhora da Casa de Rozende, de S. Pedro da Raimonda, realizou-se na quarta-feira última, na linda Estância da Penha, uma festa elegante que decorreu no meio da mais comunicativa alegria, tendo a ela assistido distintas famílias de várias localidades.

Teve início a festa com uma missa celebrada, no Santuário Eucarístico da Penha pelo ilustre sacerdote rev. dr. Francisco Melo, Capelão da Ordem dos Congregados, do Pôrto e Pároco de S. Pedro da Raimonda, em acção de graças, à Virgem da Penha, pelas melhoras do sr. Comendador Boaventura, de Santo Tirso, que há um ano esteve gravemente enfermo. Ao religioso acto assistiram muitas famílias de Freamunde, Santo Tirso, Louzada, Penafiel e outras localidades. Seguidamente e num dos pontos mais pitorescos da Montanha, teve lugar um pic-nic elegante, que foi primorosamente servido e decorreu no meio da maior animação. A êste opiparoso repasto que foi gentilmente oferecido pela ex.ª sr.ª D. Maria Augusta Sotto Maior e Menezes e por seu marido o sr. Manuel Fernandes Pôrto, assistiram as ex.ª sr.ªs: D. Maria Augusta Sotto Maior e Menezes, da Casa de Rozende, Freamunde; D. Lidia Donas Botto e Menezes, de Penafiel; D. Delina Malheiro, de Louzada; D. Carmen Casa-Nova de Queiroz, idem; D. Clotilde Maria Menezes, de Penafiel; D. Maria Benedicta e Menezes, idem; D. Catarina Alice da Costa, de S. Martinho de Mouros; D. Clara Gil de Reis Carneiro, de Santo Tirso; D. Maria Emilia Vieira Neves Oliveira Maia, da Maia; D. Maria Fonseca Cardoso, de Santo Tirso; D. Palmira Cardoso Leão Miranda, de Santo Tirso; D. Eugénia Leão, de Louzada, etc. e os ex.ª sr.ªs: P.º Francisco de Melo, Abade de S. Pedro da Raimonda; P.º Arlindo Faria de Barros, de Gui-

marães; P.º Manuel Valente Mendonça, pároco de Bustelo, Penafiel; Comendador Boaventura Cardoso de Miranda, Manuel Fernandes Pôrto, respectivamente de Santo Tirso e de S. Pedro da Raimonda; Dr. José Sotto Maior e Menezes, de Penafiel; Dr. Joaquim Augusto Moura, de Louzada; Dr. José Cardoso de Miranda, de Santo Tirso; Dr. José de Queiroz, de Louzada; Manuel Gil dos Reis Dias de Carvalho Ferreira, de Santo Tirso; Aureliano Fonte Boa, da Maia; José Fonseca Cardoso, de Santo Tirso; Francisco Manuel Cardoso de Miranda, de Santo Tirso; José Basilio Cardoso de Miranda, de Santo Tirso; Gabriel Cardoso de Miranda, de Santo Tirso; António Cardoso de Miranda, de Santo Tirso; Afonso Queiroz, de Louzada; Bernardino Ferreira Coelho, de Louzada; Luís Mendes Coelho, de Louzada; José da Cunha Melo, do Pôrto; Adriano Melo, de Penafiel; João Ribeiro de Sousa, de Santo Tirso; António Ribeiro, de Freamunde; Antero Moura, de Louzada; Adriano Machado, de Vizela; Joaquim Sotto Maior e Menezes, de Penafiel; José da Veiga Carvalho Ferreira, de Santo Tirso; Gaspar Leão, de Louzada; João de Deus Pereira, Luís Filipe Coelho, Manuel Machado, José Silva Pereira e Antero Dias de Castro, de Guimarães, bem como um grupo de caçadores composto pelos sr.ªs: José da Costa, José Teixeira, Jacinto da Silva Guimarães, José de Freitas, António Francisco, António Gonçalves, Manuel de Freitas e Arnaldo Barroso. Este grupo de caçadores organizou uma caçada que dedicou à ex.ª sr.ª D. Maria Augusta Sotto Maior e Menezes.

O local do pic-nic apresentava um aspecto interessantíssimo não apenas pelo pitoresco lugar mas, ainda, pela maneira como tudo estava disposto. A refeição foi variada e abundante — arroz de forno, pato assado, coelho com molho de verde, frango, cabrito, vitela, peixe, fiambre, peru, pavo, leitão, etc., pudim e doces vários, melão, queijo, vinhos, etc. O ilustre orador sacro rev. Francisco de Melo, foi o primeiro a levantar-se para dizer, e muito bem, algumas palavras, discurso breve mas brilhante que terminou com uma saudação calorosa e amiga ao «Noticias de Guimarães».

Brindaram a seguir, os sr.ªs P.º Arlindo Faria de Barros, Dr. José Queiroz, Aureliano Maia, João de Deus Pereira, Luís Filipe Coelho e o nosso director. Todos felicitarão o sr. Conselheiro Boaventura pelo seu completo restabelecimento e a ex.ª sr.ª D. Maria Augusta S. Maior e Menezes e seu marido o sr. Manuel Fernandes Pôrto, pela realização dum festa tão encantadora. Foram levantados muitos vivas à ilustre Casa de Rozende, ao sr. Comendador Boaventura, à ex.ª sr.ª D. Maria Augusta S. Maior e Menezes, ao sr. Manuel Fernandes Pôrto, ao rev. Francisco Melo, etc., enquanto que os sinos da pitoresca gruta ermida de Nossa Senhora do Carmo, da Penha, repicavam festivamente e o grupo de caçadores fazia uma descarga de 21 tiros.

Momentos depois era oferecido a todas as gentis senhoras que tomaram parte no pic-nic um chá no bar da Penha, tendo todos regressado, óptimamente dispostos e muito satisfeitos e penhorados com todas as gentilezas dos promotores da festa, às primeiras horas da noite. O «Noticias de Guimarães» agradece não só o convite que lhe foi feito e todas as gentilezas mas, ainda, as saudações que lhe foram dirigidas.

António de Carvalho Cirne

Passou no dia 16 o aniversário natalício do sr. António de Carvalho Cirne a quem, por tal motivo, felicitamos sinceramente.

Diversas

Encontra-se entre nós a ex.ª sr.ª D. Luciana da Costa Freitas, viúva do nosso saído amigo sr. Fernando da Costa Freitas.

— Encontra-se na Póvoa de Varzim a família do nosso amigo sr. Manuel Gomes d'Oliveira.

— Também partiu para a mesma praia a família do nosso amigo sr. Alfredo Félix.

— Com sua ex.ª família encontra-se nas suas propriedades de S. Torcato o nosso amigo sr. Manuel Mendes d'Oliveira.

— Esteve doente mas está quasi restabelecido o nosso amigo sr. José Teixeira dos Santos, inteligente cartorário da V. O. T. de S. Domingos. Desejamos o pronto restabelecimento e felicitamo-lo pelo aniversário natalício que passa amanhã 21 do corrente.

— Regressou da Póvoa da Varzim, acompanhado da sua estimada família o nosso amigo sr. Manuel Joaquim Pereira de Carvalho, conceituado negociante de ourivesaria.

— Acompanhado de sua família partiu para a Póvoa de Varzim o nosso prezado amigo sr. Domingos Martins Fernandes, importante negociante desta praça.

— Partiu para a mesma praia, com sua ex.ª esposa o nosso querido amigo sr. capitão Duarte Fraga.

— Para as suas propriedades de São Cláudio do Barco, partiu acompanhado da sua estimada família o nosso prezado amigo sr. Francisco de Faria, activo e zeloso solicitador do fóro vimaranense.

— Encontra-se a veranear em Vizela o nosso amigo sr. Narciso Amaral, activo empregado comercial.

— Tem passado ligeiramente in-

comodada a ex.ª sr.ª D. Maria Emilia Rodrigues Cardoso Larangeiro, esposa do nosso amigo sr. Joaquim Larangeiro dos Reis. Desejamos-lhe rápidas melhoras.

— Vimos, já melhor dos seus incómodos, o nosso amigo sr. Joaquim Penafort Lisboa. Folgamos.

— Encontra-se nesta cidade, de visita a seu pai e com demora de alguns dias, o nosso amigo, sr. Alvaro Penafort.

Aniversários natalícios

Passa no próximo dia 26 o aniversário natalício da ex.ª sr.ª D. Maria Joaquina Dias Pinto, venerando Mãe dos nossos presados amigos, sr. Dr. Mário Dias Pinto de Castro, João, Agostinho, Francisco Dias Pinto de Castro e do nosso Director.

No «Noticias»

Deram-nos ante-onhem a honra da sua visita os sr.ªs P.º Francisco de Melo, ilustre orador sacro e ex-capelão dos Congregados, do Pôrto; seu irmão o sr. Leonardo da Silva Melo, digno funcionário superior da Caixa Geral de Depósitos e Pereira Zuzarte, distinto Inspector Geral do Correios. Muito agradecidos.

— Deu-nos igualmente o prazer na sua visita o nosso amigo sr. José M. da Mota Freitas, distinto 1.º Sargento de Engenharia, que nesta cidade se encontra com sua ex.ª esposa.

A Grande Peregrinação à Penha

foi imponente e extraordinariamente concorrida.

Foi imponentíssima, sem dúvida a maior que se tem realizado nos últimos anos, a peregrinação anual à Virgem da Penha, realizada no último domingo e em que tomaram parte muitas dezenas de milhares de pessoas, vindas de todos os pontos do paiz.

Já imponente havia sido, como noticiamos, a Proclamação das Velas realizada na noite anterior àquela dia, mas a Peregrinação excedeu absolutamente toda a nossa expectativa. Grande espectáculo de fé foi êsse, a que assistimos e do qual aqui vamos arquivar a nossa impressão.

A Peregrinação

E' cêjo ainda. E' noite. Começa a orvalhar e já as igrejas se enchem de crentes para assistirem ás primeiras missas do dia. Os actos sucedem-se e os sinos vão chamando, continuamente à oração. As horas avançam, rompe o dia e com êle surgem os primeiros cânticos de grupos de peregrinos que vão chegando. Surgem grupos de todos os lados. As caminhetas aparecem ás dezenas vindas por todas as estradas: de Fafe, da Póvoa de Lanhoso, de Felgueiras, do Porto, de Braga... O trânsito na cidade avoluma-se. Os comboios começam a despejar gente, muita gente. São 8 horas e já no grande Largo, conhecido por Campo da Feira, quasi se não pode dar uma volta. Chegam associações religiosas, veem os escutas em elevado número, começa a organizar se o cortejo.

Dentro em pouco chega o Prelado, que é recebido no Templo dos Santos Passos pelo Arcipreste e por vários outros eclesiásticos e ás 9 horas S. Ex.ª Rev.ª lança, da janela do mesmo templo a bênção aos peregrinos. Há aclamações, ouvem-se vivas e palmas, ecoam foguetes em girândolas, os sinos repicam em todas as torres e a peregrinação, a grande peregrinação, começa a desfilar, imponentemente, pelas ruas da cidade.

Grupos de escutas abrem o religioso cortejo, seguem-se as bandeiras das associações de classe e dos Sindicatos, depois as de várias corporações religiosas, todas acompanhadas por centenas de pessoas, e em número aproximado a 100.

Cêrca de uma hora levou a peregrinação a passar na nossa frente.

Na cauda do cortejo e em lindo andar é conduzida a imagem da Virgem. Atraz vão o Prelado da Diocese, ladeado por Monsenhores João Ribeiro e José Maria, outros eclesiásticos, mesa da Irmandade da Penha, Comissão Promotora da Peregrinação, etc., etc.

Das sacadas dos prédios, de onde pendem vistosas colgaduras, são lançadas flores, muitas flores, uma chuva de pétalas, mimosas e perfumadas, sobre o andar.

Os sinos repicam sempre, os cânticos sucedem-se.

E a peregrinação segue cidade fora, a caminho da Penha.

Em S. Romão e em Belos Ares o cortejo era grosso. Mais associações de S. Torcato, de Gondomar, da Póvoa de Lanhoso, de Fafe e de Felgueiras, e a marcha continua, sempre com o mesmo entusiasmo e o mesmo fervor até à Penha, onde chegou poucos minutos antes das 13 horas, sendo já ali aguardada por muitos milhares de pessoas.

O longo cortejo dirigiu-se para o Largo do Santuário Eucarístico, por entre elas compactas de gente, iniciando-se uma hora depois a

Missa campal

que foi celebrada pelo rev. Gaspar Nunes.

Durante o Santo Sacrifício a multidão rescu e cantou, acompanhando religiosamente, as cerimónias. Os

Largo — o grande Largo — está pedado de gente. Um mar de cabeças!

Finda a missa. O rev. Domingos Gonçalves anuncia que vai falar o Prelado, e S. Ex.ª Rev.ª sobe ao púlpito, proferindo uma biltante alocução. Silêncio absoluto. Todos o escutam. A voz do Prelado, por intermédio de potentes alto-falantes vai a todos os pontos da Montanha.

A sua alocução é simples e é breve. Finda éla é dada a bênção do SS.ªo aos peregrinos, o que dá motivo a novas e vibrantes aclamações a Cristo Rei, à Eucaristia, a Nossa Senhora da Conceição, a Nossa Senhora da Penha, etc.

Milhares de lenços brancos agitam-se no espaço, ouvem-se repiques festivos, salvas de foguetes e salvas de palmas. E' momento solenissimo. As cerimónias terminaram. Os peregrinos estendem-se por toda a montanha, e a montanha, apesar de enorme, tornava se pequena, tantas foram as pessoas que lá subiram. A tarde realizou-se no Largo do Santuário Eucarístico uma nova cerimónia, para a despedida dos peregrinos à Virgem. O Prelado falou, após o rev. Domingos Gonçalves. E em seguida o rev. D. António Bento Martins Júnior deu a bênção aos peregrinos, assim terminando a grande romagem aos pés da Virgem, Padroeira dos Portugueses.

— Apesar do grande movimento de veículos não se registaram desastres.

— Também não se registaram roubos nem desordens.

— O local esteve bem policiado.

— O Prelado almoçou no Hotel da Penha.

FALCIMENTOS E SUFRÁGIOS

D. Maria de Oliveira Costa Mendes

Após dolorosos sofrimentos faleceu no domingo passado, na sua residência à rua Dr. Joaquim José de Meira, a ex.ª sr.ª D. Maria d'Oliveira Costa Mendes, viúva do Sr. Coronel Afonso Mendes, recentemente falecido, irmã do capitalista Sr. Francisco d'Assis Costa Guimarães e tia dos Srs. Alberto e Afonso da Costa Guimarães, António Costa Guimarães, Amadeu da Costa Carvalho, Alvaro da Costa Carvalho e das esposas dos Srs. Dr. Fernando Gilberto Pereira, José Jacinto Júnior e Alfredo Ferreira. O seu funeral que foi muito concorrido realizou se na terça-feira de manhã na capela do Cemitério Municipal.

Luis Ribeiro Eugénio

Ainda novo faleceu na quarta-feira o sr. Luis Ribeiro Eugénio, que há cêrca de 2 meses havia pedido a sua exoneração do lugar de ajudante do Conservador do Registo Civil, que durante bastantes anos exerceu com muito zelo e competência. O extinto era sobrinho da ex.ª sr.ª D. Rosa de Jesus Ribeiro e primo do sr. Joaquim da Silva Eugénio. O seu funeral realizou-se na quarta feira na Capela da V. O. T. de S. Francisco com a assistência de muitas pessoas.

A's famílias enlutadas apresentamos condolências.

Maria Celina Dias de Castro Fernandes

A Mãe da V. O. T. de S. Francisco resolveu mandar celebrar na sua igreja e no 3.º dia do falecimento da menina Maria Celina Dias de Castro Fernandes, uma missa por sua alma.

Anjinho

No Porto finou-se um filhinho do nosso estimado amigo e conterrâneo sr. dr. José de Oliveira Bastos, ilustre advogado no fóro vimaranense, e neto do nosso querido amigo sr. Jerónimo Ribeiro da Costa Sampaio. A'queles nossos amigos apresentamos, por tal motivo, os nossos cumprimentos.

Carta das Taipas

Caldas das Taipas, 18.

Realizou-se no passado domingo, na vizinha freguesia de S. Clemente de Sande, uma interessante solenidade religiosa que atraiu ao local grande número de pessoas.

Foi a bênção de uma capela privativa do importante palacete da Mógada, propriedade do nosso prezado amigo ex.ª sr.ª Carvalho Crato, distinto oficial da Armada, seguida de missa cantada pela Tuna das Taipas e sermão pelo rev. P.º Silva Gonçalves.

De tarde tocou a Banda dos Bombeiros das Taipas, achando-se fraqueado ao público o belo jardim que circunda o palacete e dá ingresso à linda capelinha que durante o dia se conservou aberta, tendo exposta, além de outras, num trôno sobre o altar-mór, à veneração dos fiéis, a linda imagem de Santa Terezinha do Menino Jesus.

A' noite, teve lugar um vistoso arraial, aonde, em sitio reservado e num estrado proposadamente construido, a elite da nossa colónia balnear que ali se achava largamente representada se divertiu imenso, dançando até alta madrugada.

E' velho hábito aqui, durante o trajecto dos préstimos fúnebres, muitas criaturas irem a conversar animada e despreocupadamente, como se fóra no mais agradável passeio.

E' um hábito detestável que deve acabar, pois que, se não denota falta de sentimento, revela pelo menos falta de educação, desprêso pelo acto e nenhum respeito por aqueles que vamos acompanhar à sua última morada.

— Voo para o Céu, com 10 meses de idade apenas, o inocente Custódio, filho do nosso amigo sr. Francisco Ferreira Guimarães e de sua esposa ex.ª sr.ª D. Rosa de Jesus Ferreira Pinto.

— Também faleceu, num dos últimos dias da semana passada, uma filhinha de tenra idade do nosso amigo sr. António Manuel Lourenço e de sua esposa ex.ª sr.ª D. Paulina de Sousa Pereira.

Aos desolados pais apresentamos os nossos cumprimentos de condolências.

— Retirou-se ontem para Guimarães com sua ex.ª família, o nosso dedicado amigo ex.ª sr.ª José Jacinto Júnior, ilustre Director da Empresa Termal das Taipas.

— Tem chegado muitos aquiastas, achando-se à cunha o Hotel das Termas.

Festas e diversões

Romaria de S. Mateus

Realiza-se, como já noticiamos, no próximo domingo, dia 27, na freguesia de Gonça, dêste concelho, a antiga romaria de S. Mateus, que costuma ser muito concorrida. Haverá solenidades religiosas, com procissão, e arraial, com fogo e música.

Foot-Ball

Sensacional desafio às 16,30 com o forte agrupamento de Aveiro SPORT CLUB BEIRA-MAR contra VITÓRIA SPORT, CLUB (grupos de honra).

Cinema-Sonoro

Na Parada dos Bombeiros Voluntários, hoje, às 21,30 horas, exhibir-se-á: O HOMEM QUE SABIA DEMASIADO... com Peter Lorre.

DA CIDADE

Sessão anti-comunista

Na Sêde dos Sindicatos Operários de Guimarães, realizou-se na quinta-feira última uma sessão de propaganda anti-comunista, a que presidiu o sr. dr. Henrique Cabral, Delegado do Instituto Nacional de Trabalho e Previdência-Social no Distrito de Braga. Falarão, combatendo as doutrinas comunistas e focando o exemplo da vizinha Espanha, os operários Manoel Magalhães e Ezequiel de Souza e os Srs. Hugo Almeida e Francisco Pereira Mendes. Todos os oradores foram muito aplaudidos pela assistência que era numerosa. No final foram levantados muitas vivas.

— Na 6.ª feira foram desta cidade ao Porto, em comboio especial, para assistirem ao Comício anti-comunista ali realizado, algumas centenas de operários de Guimarães.

A' caridade — Recomendamos à caridade dos nossos leitores o infeliz Sebastião Machado, que luta com uma pertinaz doença e não tem meios para se tratar. Mora na rua do Picôto.

Incêndio — Na segunda-feira, por volta do meio dia, manifestou-se um incêndio na rua P.º António Caldas, num prédio da sr.ª D. Beatriz

COLEGIO DUBLIN (para meninas)

Travessa do Carmo -- BRAGA -- Telefone n.º 273

Bons resultados obtidos nos exames de admissão ao Liceu e Curso liceal. Recebe alunas internas, semi-internas e externas, para as classes, infantil, instrução primária, admissão ao Liceu e Curso Geral do Liceu (6.º ano). Piano, pintura, trabalhos manuais e conversação francesa. Está aberta a matrícula para o próximo ano lectivo que principia a 7 de Outubro.

Oficina de Latoaria e Pichelaria

DE

MANUEL GONÇALVES LOBO

Soldaduras a autogénio (Casa Fundada em 1902)

Oficina de Carrosserias

para carros ligeiros de qualquer modelo e carrosserias para camionetes de passageiros e de carga.



Encarregar-se de canalizações para água e gaz, interiores e exteriores, tanto em chumbo como em ferro, e todos os trabalhos da sua arte, tanto nesta cidade como fóra. Executa trabalhos em metal, tais como: Radiadores, Lanternas e Gazómetros para automóveis, em cobre; alambiques para destilações, tanto antigos como modernos; e em chapa de ferro estanhada e por estagnar e fundição de metais e bronze. Garante-se a solidez e perfeição.

Fabricação de alambiques e aparelhos em todos os sistemas.

Rua D. João I GUIMARÃIS

FOOT-BALL

Penha de Amor e de Saúde

No próximo Domingo, dia 27, realiza-se no Campo de Jogos de Benlhevi um desafio de foot-ball entre as categorias de honra do Sporting Club de Coimbra e do Vitória Sport Club. Este desafio é promovido pelo «Grupo de Amigos do Vitória» devendo a Direcção do Club apresentar os seus novos elementos que devem constituir a nova linha para a disputa do próximo Campeonato Distrital.

PENSÃO

Dá-se a estudantes em casa de respeito. Falar nesta redacção. (173)

Penha de Amor e de Saúde

Recebemos do nosso prezado amigo e distinto professor sr. João C. Vasconcelos o seu interessante livro — «Penha de Amor e de Saúde» — que muito agradecemos.

Pede-nos aquele nosso querido amigo para que aqui tornemos publico o seu agradecimento ao povo de Guimarães pela forma cativante que recebeu a venda do mesmo livro, de cujo produto, como já noticiamos, é beneficiada em 10 % a Casa dos Pobres.

Diz-nos aquele nosso amigo: — A muita simpatia que guardo pelo auxílio aos pobres da nossa terra, leva-me a tornar extensiva a toda a edição a mesma percentagem, devendo na devida oportunidade ser informado o jornal de V... do resultado desta minha atitude.

LIGA DOS COMBATENTES DA G. GUERRA

Sub-Agência de Guimarães

Comunica-se a todos os associados que deixou de exercer as funções de cobrador e contínuo desta Sub-Agência o ex-combatente sr. José Tôrres passando a exercê-las, em sua substituição o nosso consócio sr. João de Sousa.

Mais informa a Comissão Administrativa que todos os dias, das 10 às 11 horas, se encontra aberta a nossa sede onde poderão dirigir-se para qualquer assunto todos os seus filiados e antigos combatentes.

Foi de mil e dez escudos—1.010\$00, o quantitativo dispêndido sob a rubrica de assistência a combatentes necessitados durante os meses de Julho e Agosto p. p.

Guimarães, 15 de Setembro de 1936.

A Comissão Administrativa.

Transcrição

O artigo que publicamos no nosso último número, da autoria do nosso querido amigo sr. Mário Menezes, foi transcrito do nosso prezado colega «Correio do Minho», o que não dissemos, por lapso, do que pedimos desculpa.

DESPORTO

Abertura da caça.

O primeiro dia.

Mal o dia desponta e a claridade vai descrevendo na luminosidade do céu o seu círculo luminoso, o caçador, mal dormido, pela inquietação e ansiedade que meses sem fim, levou a bocejar, à espera do dia almejado, «mais ansiosamente que os presos da cadeia a manhã da liberdade» no dizer de Aquilino, alvorçado, nervoso, no reatar nesse dia as emoções que o defêso prolongado envolveu na neblina esfumada das lembranças idas.

A caçada barulhenta ajudada, os caçadores, espingarda a tiracolo, cinturão bem municiado, em turma aguerriada, lá vão a caminho do monte apressados, sôfregos, desejosos por o primeiro láparo apanhado de improvisado, que do pastio venha farto à procura de moita fresca, aonde ferre ao sol nado uma bôa e apetecida soneca.

Os tiros reboam pelas quebradas, os gritos de incitamento, os ladrados dos cães, transformam a quietude dos montes numa bárbara apoteose de matança. Já este e aquêl ora a cintura com as suas vítimas, e a caçada vai caminhando em lenta cadência, dando vagar aos homens de pau — como em giria caçadora são conhecidos aqui, os bate-dores —, porfiem cuidadosamente algum coelho alapardado em esconso de tojeira cerrada, aonde os cães com pouca prática e fardo ainda por apurar, deixem ficar em descanso embora aterrados, daquela invasão feroz e sanguinária.

Os primeiros dias de caça, não oferecem ao caçador experimentado as emoções que a ela nos prende. O coelho é apanhado sem cansaças, porque não possui ainda o instinto de defesa apurado que a luta pela vida faz criar, e o cão, mole de plantas, mal acursa o dia inteiro na afadigada busca, o fardo, mesmo ainda, não tem refinamento. Não se disfruta por isso, a maestria do cão pondo na procura todos os dados da sua inteligência admirável, nem as artimanhas com que o coelho se defende. — Ora procurando interdício de pedra ou recanto escondido, aonde se acoste, ora procurando na fuga, meios curiosos de defesa; corte rápido de corrida em volta de árvore adulta, ou assapar-se num gesto brusco, em plena velocidade, obrigando a matilha dos perseguidores a passar-lhe por cima, para desaparecer depois, atrás da tojeira densa, e procurar sem mais percalços a cova salvadora.

O tiro de mestre, cortando cerce a corrida louca dum coelho lampeiro de canelas, ou disparo atrevido que o arranque dentre os dentes do coelho, no péga-péga da car-

reira, são façanhas criadoras de emoções, que jamais se afastam do espírito apaixonado do caçador.

A caça tem portanto, magia pegadiça, que enlaça fortemente o homem a ela dedicado e o torna escravo da paixão.

A mortandade foi enorme no primeiro dia. Ultrapassou o que seria desejado. A caça não abunda a tal ponto que justifique tal matança. Só dois grupos abateram cento e tantos coelhos. E os outros? Centenas de roedores devem ter pago com a vida, a ignorância da própria defêsa. Foi a reprodução bíblica da matança dos inocentes. Não admirará a ninguém, que a certa altura da época venatória, os jornais diários, insiram notas oficiosas com dizeres conhecidos, pedindo o encurtamento do período de caça em vista da falta alarmante de espécies cinegéticas. Caçar! — Dizimar será o termo mais apropriado, aos tempos que correm. Protecção, fiscalização, pedem-se a todo o momento. Trêtas, lérias. Cada um pretendo sobrepujar em numero a caçada doutro. Pessoalistas e vaidades criminosas, é o que se vê.

Não virá longe o dia, em que o coelho fará parte dum museu zoológico como espécie extinta, e as armas e apetrechos de caça serão trofeus arqueológicos que enriquecerão o recheio de panóplia, de algum niaco de velharias.

Almeida Ferreira.

Vende-se a Quinta da Subida

Situada à margem da Estrada, na freguesia de Santa Eufémia de Prazins, lugar da Subida, concelho de Guimarães. Falar com José Gonçalves Gesteira (Entre-Campos) lugar da (170) Gesteira — Póvoa de Lanhoso.

TIPOGRAFIA

Aluga-se ou vende-se em Vizela, pelo motivo do falecimento de seu antigo proprietário. Para informações Praça da República, Vizela. (169)

Da Alemanha

A Feira de Construções em Leipzig que está tomando a construção de casa para moradia.

A' vista do grande programa alemão de construção de prédios e casa para moradia, ter-se-á que contar, dentro do próximo tempo, com maior actividade construtiva. A Feira de Construções em Leipzig apresentará, portanto, um quadro de bastante animação. É característico para o desenvolvimento no ramo da construção de prédio para moradia a forte tendência para adquirir casas próprias. Conforme se deprende das verificações feitas pelo Instituto de Conjuntologia, passou a figurar em último plano a construção de grandes prédios de moradia. No ano de 1935, foi construída apenas metade de tais edificios, comparado o seu número com o do ano de 1930, que foi o melhor ano para este tipo de arquitectura. No mesmo foram, porém, construídas pequenas moradias (bungalows), casas em colónias, etc. 16 % mais do que no ano mais favorável para a construção desta categoria de casas, ou seja o de 1929. A constru-

ção de grandes blocos de prédios com moradias novas e caríssimas, levado a efeito por empresas especuladoras, cedeu lugar à tendência de se oferecerem casas próprias a um maior número possível de pessoas. Nos últimos anos, 90 % de todas as casas de moradia construídas na Alemanha foram pequenas casas.

O primeiro vôo a grande distância com um aparelho a óleos pesados. Dessau-Africa sem escala com um Junkers «Ju 86».

No sábado 22 de Agosto, pelas 22 horas levantou vôo em Dessau, da Fábrica Junkers, um bimotor ultrarápido o «Ju 86 Bueckerberg», equipado com dois motores de óleos pesados Junkers Jumo 205, seguindo com destino a Bathurst na costa africana de oeste. O aparelho era comandado pelo Eng. Achtberger, da Junkerswerke, e pilotado pelo capitão aviador da Luftwaffe Untucht, levando ainda a bordo o telegrafista Brauner.

No dia seguinte, domingo 23, às 18,35 horas, aterrou a máquina em Bathurst. A distância de 6.000 quilómetros tinha sido vencida em 20 horas, embora o tempo não tivesse sido muito favorável.

Um aparelho do mesmo tipo foi posto em exposição em Berlim na célebre exposição «Alemanha», como exemplo da última criação da técnica alemã, tendo sido muito apreciado pelas numerosas pessoas que visitaram esta interessante exposição.

Este percurso foi até agora feito regularmente todas as semanas pelas máquinas da Luftwaffe, mas com escala entre Francfort e Bathurst. De Bathurst levantam vôo estes aparelhos para transporem o atlântico em direcção à América do Sul, percorrendo a distância de 3.050 quilómetros. É o vôo do «Ju 86», serviu para demonstrar que o referido aparelho pode voar o dobro da distância. Este resultado, porém, somente se tornou possível com os Junkers movidos a óleos pesados, que gastam apenas 170 grs. por 1 HP / hora, chegando, portanto, para muitas horas, o combustível que o avião pode transportar. E prova ainda que os aviões Junkers a óleos pesados, que há alguns anos prestam serviço com grande regularidade, são capazes de realizar os mais difíceis percursos.

BICICLETA

Vende-se uma em bom estado. Informa-se na redacção deste jornal.

Dos Livros. Dos Jornais.

Manuel Ayres: Teresa (Poemeta) — Huminuras (Poemas) — Momento Lírico (Prosa e Verso) — Uma Lágrima — Incensário — Quatro Páginas (Prosa) — Livraria L. Oliveira & C.ª (Depositoria) Guimarães —

O Autor havia já publicado: Flores Murchas — Rosa Maria (Poema) e Eterna Comédia (Poemeta). Estes livrinhos podiam já formar um volume. A intuição artística, o sentimento poético, a forma plástica já se encontram perfeitamente definidas. Dissemos já que é um verdadeiro poeta; verdadeiro pela naturalidade, a espontaneidade, a elevação pura, o ritmo suave, a graça alada, a ternura afectiva, a ânsia dolorida, a sombra da saudade, a vocação de ideal e de infinito; poeta no vibrar do sentimento lírico, no magnífico surto do verso, na simplicidade adorável, muito difícil de obter e que nele é fresca, colorida, musical, sempre impecável e por vezes mesmo de singular perfeição. O conjunto destas qualidades marcaram-lhe lugar distinto no número muito restrito dos nossos líricos contemporâneos, dignos desse nome na hiruta pleiade dos suadores de versos, desgarrantes e pretenciosos. O sentido do seu lirismo é subjectivo, pois é essa mesma a regra, como essência ou condição do lirismo, mas superiormente dominado ou orientado por um claro e amoroso espírito da humanisação. O drama da natureza como o fascina e empolga em



CONTRASTE, ou como refúgio, com o drama das nossas almas torturadas numa sociedade inquieta, subvertida, confrangida, exausta, violentamente obrigada a abrigar-se na manta de trapos de novas mentiras convencionais. O seu lirismo, com ser um acto heroico da inteligência, é um acto de fé, uma afirmação de fé.

Eduardo d'Almeida.

Aviso

Os comerciantes abaixo assinados, representantes das classes-mercadores de tecidos d'algodão e lã, — em reunião conjunta realizada na sua Associação, resolveram que a partir de 1 de Outubro p.º ft.º, deixem de circular os cartazes referentes aos artigos de algodão e sêda.

As inúmeras despesas que os mesmos acarretam, aliadas a contra tempo de todo a ordem, foram causa desta resolução.

Esperamos que os Ex.ºs clientes compreendam que só a força destas circunstâncias a determinou.

Guimarães, 19 de Setembro de 1936.

Alberto Pimenta Machado (Filial).
Albino Rebelo & C.ª.
Antônio da Silva Xavier.
Antônio d'Araújo Salgado & C.ª.
Antônio Pimenta.
Antônio V. dos Santos & F.ºs.
Benjamin de Matos & C.ª, L.da.
Manuel Pinheiro Guimarães & C.ª, Sucrs.
Oliveira & Silva, Sucrs.
Paulino de Magalhães.
Roberto Victor Germano, Sucrs.

oração e água benta; a Frei João Assencio deixou 20 libras para ele cantar 5 missas em hora da Nascença de J. Cristo, 5 à Ressurreição, 5 à Santíssima Cruz, 5 a Santa Maria, sua Mãe, 5 a Assunção e mais 10 libras para um hábito; e não se esqueceu dos frades de outros conventos, como os dos conventos de Fonte Arcada, na Póvoa de Lanhoso, e os de Souto mandando dar 10 libras a cada um e 6 maravedis a Aldonsa Vaz, pagos todos os anos (nos dias de vida — diz o documento que nos ilucida) no dia de S. Martinho para ela comprar um pelote. E para cúmulo da sua generosidade deixou mais 10 libras para o casamento de uma moça, sua parenta.

Esta capela recebeu muitos bens que ela lhe vinculou, os quais constavam de umas casas assobriadas na Rua de S. Tiago e diversas leiras com vinhas, não só nos subúrbios de Guimarães, como em outras localidades mais distantes (Liv. 4 f.º 91 das Capelas da Corôa, doc. arquivado na Torre do Tombo, pois em 1493 esta capela passou para o domínio real).

Porém mais tarde foi readquirida por meio de requerimento.

Florencia Anes deixou em 1383, como administrador desta sua capela, o seu sobrinho rev. Martin Gonçalves, pároco da freguesia de S. Clemente de Sande, do Concelho de Guimarães, pa-

ADUBOS

Para todas as culturas

Cereais, Vinhas, Trigo, Centeio, Batatas, Leguminosas, Arvores de Fruto, etc.

Pedidos ao Agente e Depositário da Sociedade Adubos Norte, L.ª

Rua de S. Dâmaso, 65 a 67 GUIMARÃIS

AVISO

João Ferreira das Neves, concessionário das carreiras entre Guimarães e Póvoa de Varzim e Pevide, participa aos seus estimados clientes que a partir de 30 de Setembro sofrem alteração as seguintes carreiras, mudando estas para a época de inverno conforme os horários aprovados.

A Carreira que saía de Guimarães às 19,15 horas fica a sair às 18,15 horas.
a " " " do Póvoa " " " " " 17, "
a " " " " " " " " " " " " " 17,30 "
a " que saía da Póvoa de Varzim às 18,50 fica a sair às 17,30 "
a " que partia para o Pevide às 20,35 " " " " " " " 19, "

O Concessionário,

João Ferreira das Neves.

EXUMAÇÕES DO PASSADO

(Quadros sinopticos da História Vimaranesa)

Capelas

De São Tiago

Era esta uma das mais antigas construções religiosas que haviam em Guimarães.

Afirma-se que os romanos a dedicaram à deusa Ceres, quando a fundaram, tendo sido encontradas, metidas em uma das suas paredes, algumas moedas desse tempo, o que confirma o facto. Diz-se mais que S. Tiago, colocando nela a imagem de N. Senhora a consagró a Santa Maria na ocasião em que veio pregar à Lusitânia o Evangelho e esteve em Guimarães; que a Península, sendo invadida pelos povos bárbaros, alanos, suevos e outros, D. Paucrício, arcebispo de Braga mandou esconder a dita imagem no monte Latito, donde tornou para a dita ermida, e que depois foi transferida para o mosteiro de Mumadona por o povo dar à ermida o nome de S. Tiago.

Esta ermida tinha uma torre, na qual, quando a demoliram, por azeição derrocada encontraram uma inscrição em forma de medalha que é pena não

ter sido copiada, *si verum est*, para a todo tempo constar. Como esta torre estava construída sobre a porta principal e a sua ruína ameaçava, portanto, grave perigo para os transeuntes, o mestre escola da colegiada, seu padroeiro, houve por bem mandar derubá-la, aí por volta de 1596, pouco mais ou menos.

Várias tentativas se fizeram para a reedificar, mas baldadas foram. Por isso os seus materiais de construção applicaram-se em outras construções, como a da Santa Casa da Misericórdia, assim como a dos seus sinos para a mesma passou. A ermida foi restaurada e ainda durou muitos anos, até 1887 sempre denominada S. Tiago, nome que se estendeu ao largo em que estava construída e que também se chamou Praça do Peixe.

Sobre a fundação desta capela, primitivamente chamada *ermida*, há muitas outras conjecturas, entre elas a que afirma, que ela deveu a sua origem a alguns fidalgos franceses que vieram para Portugal, juntamente com o conde D. Henrique na ocasião em que se estabeleceu em Guimarães; fidalgos que acompanharam depois D. Afonso Henriques em várias batalhas, sob o patrocínio de S. Tiago, a quem a dedicaram em retribuição de favores nelas recebidos. Aquêl seu padroeiro denominado também abade de S. Ti-

go, recebia todos os foros que se pagavam a esta capela.

De Santo Estêvão

Florencia Anes e seu marido Estêvão Vaz fundaram esta capela em 1371. O pai de aquela, António Bernardes foi porteiro da Correição e da Repartição das Cizas em Guimarães, durante 20 anos, sendo morto por um tiro de espiugarda disparado por um delinquente, na ocasião em que ele ia prenhe-lo.

Esta capela foi construída ao lado norte da pequena castra da colegiada, entre o edificio da sacristia e o da acanhada residência do padre sacristão. Tinha a capela 4 varas e meia de comprimento e de largura (ancho — diz um documento) 3 varas e dois terços e pouco mais de alto.

Era fechada por uma porta de grades.

Em 1697 era seu administrador o rev. Paulo Gomes que nesse ano pediu autorização régia para que lhe fosse consentido passá-la para o domínio da sua irmã Ana Gomes. D. Pedro II deferiu-lhe o pedido em 20 de Fevereiro de 1698, por uma carta por elle assinada e escrita pelos doutores Carlos Ribeiro da Afonseca e Manuel Lopes de Oliveira pela qual o interessado pagou 40 mil réis.

Continua.

P.ª Alberto Gonçalves.

Lêde e propagal o «Noticias de Guimarães».